

# A Agressividade<sup>1</sup>

## The Aggressiveness

Fábio Stocker<sup>2</sup>

*"Que poderoso obstáculo à civilização a agressividade deve ser, se a defesa contra ela pode causar tanta infelicidade quanto a própria agressividade!" (FREUD, 1930)*

**Resumo:** Abordamos a importância da agressividade como componente criador, além da forma negativa de sentimento, relacionada com aspectos destrutivos que o indivíduo normalmente dirige aos seus objetos. Dependendo de seu destino, pode-se voltar contra o indivíduo como forma de punição, sentimento de culpa, remorso e angústia. Revisamos as obras de Freud, M. Klein e Winnicott e contrastamos os conceitos básicos de pulsão de vida e de morte, amor e ódio e a diferenciação entre agressividade e destrutividade.

**Summary:** We approach the importance of the aggressiveness as component creator, beyond the negative form of feeling, related with destructive aspects that the individual normally directs to its objects. Depending on its destination, it can be come back against the individual as form of punishment, feeling of guilt, remorse and anguish. We revise the workmanships of Freud, M. Klein and Winnicott and contrast the basic concepts of drive of life and death, love and hatred and the differentiation between aggressiveness and destructivity.

**Descritores:** Destrutividade, Klein, Winnicott, Freud, remorso e culpa.

**Keywords:** Destructivity, Klein, Winnicott, Freud, remorse and guilt

---

<sup>1</sup> Trabalho realizado em 2002.

<sup>2</sup> Médico, Membro efetivo do CIPT.

A agressividade, comumente, é vista como uma força negativa. Freud em 1930, em *O Mal-estar na Civilização* (FREUD, 1930) considera a agressão como inata ao homem. Uma quota de agressividade é usada como uma forma de defesa contra a exploração do indivíduo. Esta agressividade é presente desde os primórdios, junto com a necessidade de amor que ele busca do outro. O homem não consegue manter a agressividade voltada para dentro, pois isto seria uma espécie de autodestruição, por isso há necessidade de exteriorizá-la. É necessária formação reativa para estabelecer limites para os instintos agressivos.

M. Klein em suas obras (KLEIN, 1935) ocupa-se da agressividade projetada nos pais e como ela volta como ansiedade pelo desejo de destruição da criança. O objeto é considerado mau por causa da agressividade projetada sobre ele e não porque este objeto frustra os desejos da criança. Ocorre ao mesmo tempo um sentimento destrutivo e amoroso contra o "seio-mãe", e estes estados dolorosos sentidos pela criança devido à agressividade são introjetados e sentidos como capazes de destruir seu próprio corpo. Este superego arcaico gera ansiedade devido à agressividade projetada nas figuras internas, gerando as primeiras formas de defesa do ego.

Para Winnicott, *a repressão da agressividade de cada um é a causa do perigo em que a sociedade vive e não a agressividade do homem* (WINNICOTT, 1950). Acredita que a agressividade não é inata, que há necessidade de um ego mais integrado para que, a partir de uma frustração, ocorra a raiva e a intenção da agressão. A motilidade típica da criança (chutes intra-útero, morder) a maioria das vezes impulsiva, que poderia ser vista como agressiva, é considerada para Winnicott como uma forma de descobrir o outro, descobrir o "não-eu". Ele diz:

*"É esta impulsividade e a agressão que se desenvolve a partir dela, que faz com que o bebê necessite de um objeto externo".*

A agressividade, então, é usada como uma forma de contato com o mundo externo, como comunicação, experiencição, reconhecimento do espaço, formadora de self. A origem da palavra do latim (*ad + gradior*) significa um movimento (*gradior*) para frente (*ad*) e, portanto uma forma de ir a busca de metas, de não retroceder. (ZIMERMAN – 2001). Protegendo-se com agressividade, o indivíduo se mantém vivo.

## **Pulsão de Morte e Pulsão de Vida**

Na definição de pulsão temos

*"As forças que presumimos existir por trás das tensões causadas pelas necessidades do id. Representam as exigências somáticas que são feitas à mente" (FREUD, 1940).*

*"É um processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objeto" (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998).*

O objetivo da pulsão é acabar com o estado de tensão provocado pela excitação corporal, levar a excitação ao nível zero. A isto Freud chamou "*Princípio de Nirvana*", termo já utilizado por Bárbara Low antes dele escrever *Além do Princípio do Prazer*. Neste artigo Freud introduz as definições de pulsão de morte e de vida. As duas pulsões andam juntas, estão fusionadas de tal forma que muitas vezes é difícil reconhecê-las em separado. Mesmo nas relações primitivas narcísicas, há tendência à ambivalência ou dualidade; portanto, mesmo no amor objetual idealizado, percebe-se amor e ódio, gratificação e, também, frustração (para a criança, a idealização da mãe boa e má). Outro exemplo é o componente sádico no instinto sexual, onde se mistura a agressividade com a preservação. Garcia-Roza considera o dualismo pulsional não como um dualismo de natureza das pulsões, mas como um dualismo de modos da pulsão. Elas seriam qualitativamente da mesma índole, mas se diferenciam pelos seus modos de presentificação no psiquismo (GARCIA-ROZA, 1995).

A pulsão de vida, também chamada de "Eros", abrange as pulsões sexuais e de autoconservação. Esta pulsão de união é também dita conservadora, que mantém a ordem no aparato psíquico. Do ponto de vista biológico, partindo do princípio da inércia neuronal descrito por Freud, todo neurônio tende a descarga, que poderá fazer uma ligação a outro neurônio ou permanecer dispersa, livre. No primeiro caso, se esta descarga for em direção a outro neurônio e ocorrer o encontro entre estas descargas neuronais, como um curto-circuito, origina uma ligação, uma trilha facilitadora, uma união de energias. Esta energia ligada que foi capturada, por isso dita conjuntiva, obtém como resposta uma preservação, mantendo a ordem e conservando a espécie; seria então uma pulsão de vida. Porém, esta excitação constante, de neurônio para neurônio, impediria novas opções, mantendo uma certa mesmice. O indivíduo não toleraria tamanha excitação sem descarga, iria a busca do alívio da tensão:

*"A tendência da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos" (FREUD, 1920).*

Então, a pulsão de vida não estaria relacionada à mudança, à criatividade. Seria uma tendência de manter as coisas como estão, de conservar o mesmo, de autopreservação. Na segunda possibilidade, não havendo ligação com um neurônio colateral, a descarga tenderia a ficar livre, invisível, silenciosa e angustiante – o representante de Tanatos, e Eros ficaria para a energia ligada.

Sem dúvida que a pulsão de vida gera excitação, onde ocorre acúmulo de energia ligada; já a pulsão de morte é vista como fonte de alívio e diminuição da excitação.

Outro fato notável é que os instintos de vida têm muito mais contato com nossa percepção interna, surgindo como rompedores da paz e constantemente produzindo tensões cujo alívio é sentido como prazer, ao passo que os instintos de morte parecem efetuar seu trabalho discretamente. O princípio de prazer parece, na realidade, servir aos instintos de morte. (FREUD, 1920).

Já que a pulsão de morte é uma fonte de energia desligada, ela é o oposto a ordem provocada pela pulsão de vida, onde tudo se liga, se mantém, é conjuntivo. A pulsão de morte é, então, o representante do caos pulsional, o desligado, o destrutivo, o disjuntivo, permitindo assim, vir à tona novas formas. Do desligado surgirá uma nova forma que se tornará ligada. Poderia, então, a pulsão de morte ter uma relação com o potencial criativo?

### **Agressividade e Agressão**

D. Zimerman em seu *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise* (ZIMERMAN, 2001) alerta para diferença entre os termos agressão e agressividade. Ele diz, resumindo:

*"Na agressão predomina a pulsão de morte, enquanto na agressividade prevalece a pulsão de vida".*

Houaiss no seu *Dicionário de Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2001), mesmo não dando uma definição psicanalítica dos termos, diz que *agressão* é um substantivo que significa ataque, provocação, ofensa; e *agressividade* é a qualidade de agressivo, enérgico, combativo. Concordasse, então que *agressividade* é uma qualidade positiva e, portanto, ligada a pulsão de vida e *agressão*, uma qualidade negativa, ligada a pulsão de morte. Eros e Tanatos. Amor e ódio. Positivo e negativo. Pode-se lançar alguns questionamentos para posterior resposta: *todo amor é sempre positivo? E o ódio, quando ocorre, é sempre negativo? E a agressividade, por ser positiva e estar ligada a pulsão de vida, que sabemos que é conjuntiva, conservadora, pode provocar mudanças, criar o novo?*

Para M. Klein a ação da pulsão de morte é representada pela destrutividade sádica que a criança dirige ao seio mau. Como forma de se proteger, o ego usa de mecanismos de introjeção e proteção, tanto do

bom, como do mau. A introjeção do bom traz tranqüilidade e idealiza esta mãe boa, mas algumas vezes o bom deve ser projetado a fim de deixá-lo a salvo contra a agressão interna do bebê. A introjeção do mau é uma forma que o ego infantil tem de manter sob seu controle os perseguidores, mas também pode gerar angústia de aniquilamento pelos sentimentos agressivos que podem se voltar contra seu ego frágil. Quando o mau é projetado é sob a forma de agressão ao exterior, contra objetos odiados e também amados, gerando culpa e angústia persecutória e a necessidade de fazer reparações para se proteger (SEGAL, 1975). É na posição depressiva, por volta do segundo trimestre do primeiro ano de vida, que ocorre a necessidade de maior reparação, onde os impulsos agressivos são sentidos como dirigidos contra o objeto amado, a mãe. As fezes e urina podem ser oferecidas como presentes, mas também como objetos destrutivos – o mesmo objeto que destrói, também repara. É a busca constante de uma saída para sua agressão não destruir o objeto amado e não se voltar contra si (KLEIN, 1946).

Para Winnicott, a intenção agressiva tem sempre um propósito e ela faz parte da expressão primitiva do amor, principalmente antes de ocorrer a integração e organização do ego. Mostra-nos que agressividade e amor são necessárias para ir a busca do objeto.

*A criança ainda não consegue reconhecer que o objeto destruído por sua excitação é o mesmo que ela valoriza nos intervalos tranqüilos entre as excitações. Seu amor excitado inclui um ataque imaginário ao corpo da mãe. Aqui a agressão é uma parte do amor. Se a agressão é perdida nesse estágio do desenvolvimento emocional, haverá também algum grau de perda da capacidade de amor, isto é, de relacionar-se com objetos (WINNICOTT, 1950 – 11).*

Para Freud (1930), a agressão é o maior impedimento para a civilização. O próximo explora o indivíduo usando de agressividade, com isto consegue alcançar o diferente, o novo. Esta mudança adquirida pela agressividade vai servir para que a civilização volte a ser estruturada de uma nova forma, até vir uma nova mudança e criar tudo de novo. É o exemplo da pulsão de morte, através da agressividade, mudando a civilização. Um exemplo de pulsão de vida, de manutenção da espécie é o mandamento "Ama a teu próximo como a ti mesmo" que constitui um exemplo do superego cultural, mas impossível de cumprir.

## **Culpa e Remorso**

A agressividade muitas vezes pode ser contida. Não fosse assim, o indivíduo viveria em guerra com o mundo. A criança, com seu ego em formação, expressa sua agressividade com projeções nos objetos

externos. Estes objetos passam a ser os portadores da agressividade delas e se tornam, por isso, perigosos às crianças. Conforme ela vai crescendo e seu ego se estruturando cada vez mais, ocorrerá a introjeção desta agressão, para que ela deixe de ser persecutória. No indivíduo adulto, esta internalização da agressividade é necessária para o bom convívio com os outros, já que o seu superego está formado. Com isto, a agressividade se volta contra o seu próprio ego, a mesma agressividade que o ego gostaria de ter satisfeito em outros indivíduos. Forma-se então a consciência, a partir da repressão de um impulso agressivo. A tensão existente entre o superego e o ego gera o sentimento de culpa e expressa-se pela necessidade de punição (FREUD, 1930).

O sentimento de culpa se origina a partir do Complexo de Édipo para Freud e é mais precoce para M. Klein, onde a criança necessita reprimir a sua agressividade contra um dos pais. Fica o desejo agressivo sem a possibilidade de colocá-lo em prática devido a necessidade do amor da autoridade. O severo superego reprime os desejos do ego de agressão e, esta agressão se volta para o próprio indivíduo e lá fica em silêncio, pelo menos nesta fase. É o momento da punição. Um ato sádico terá como resposta um sofrimento masoquista.

O remorso é a forma de punição, a qual o ego impõe ao indivíduo. É mais freqüente que ele ocorra quando o ato de agressão foi realmente executado. Mas sabemos que no inconsciente, o remorso também aparece quando o ato agressivo foi somente desejado. É o superego determinando o controle da agressão.

### **Agressividade Como Potencial Criativo**

Pensando na impossibilidade de uma des fusão completa das pulsões, a agressividade sempre estará ligada ao erotismo. A fusão das pulsões de vida e de morte é uma mistura onde cada componente de cada pulsão entra com sua cota em proporção variável. Se houver um predomínio de agressividade, mais a fusão pulsional tenderá a se desintegrar, do contrário, se houver mais libido, mais se realizará a fusão (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998).

Winnicott acredita que a fusão das pulsões, em situações favoráveis, é sempre benéfica a criança. Que a agressividade é uma forma de reconhecer os objetos externos e ir a busca do "não-eu" e os desejos eróticos trazem a satisfação libidinal de cada um. Ou seja, em proporções adequadas de agressividade e de erotismo, ocorrerá um bom desenvolvimento do indivíduo.

*A fusão da origem dos impulsos instintivos (agressivo e erótico) pertence a um estágio do desenvolvimento infantil no qual há muita dependência. Não há possibilidade de qualquer que seja a criança, cujo meio é insuficientemente adaptado*

*às necessidades da mesma em seu começo, atingir o estado de fusão da agressividade (que faz as relações de objetos parecerem reais, e faz os objetos externos ao self) e os desejos eróticos (que têm uma capacidade para satisfação libidinal) (WINNICOT, 1959).*

Vendo a fusão do ponto de vista lógico, onde "x" é igual a amor e "y" é igual a ódio, uma equação com estes dois elementos terá como resultado um valor diferente de 0 (zero). Conclui-se que ódio e amor têm valores diferentes e que um não anula o outro, como mostra a fórmula matemática:

$$\left. \begin{array}{l} x - y \neq 0 \\ x \neq y \\ -x + y \neq 0 \end{array} \right\}$$

E, também, pode-se ter mais amor e menos amor ( $\pm x$ ) e da mesma forma mais ódio e menos ódio ( $\pm y$ ) e todas estas valências aplicadas na fórmula matemática sempre daria um valor diferente de zero (0). Pode-se, na vida, usar de maior ou menor quantidade de impulso amoroso ou agressivo. Para a manutenção da via é necessário que as pulsões sejam fusionadas em quantidades adequadas cada uma, não importando identificar a qualidade delas, se são negativas ou positivas, desde que sejam diferentes de zero (0). É necessária dose suficiente de amor e ódio para a sobrevivência. O próprio amor objetal se apresenta com esta polaridade, pois o objeto amado, também pode ser odiado.

A partir desta questão da polaridade, o positivo e o negativo podem ser pensados, por exemplo, em relação à transferência. Historicamente Freud descrevia as transferências em positiva e negativa, ligadas respectivamente a Eros e Tanatos. Contemporaneamente, Zimerman descreve que às vezes uma transferência que parece ser "positiva" pode estar sendo "negativa" do ponto de vista do processo analítico. Pois se sabe das dificuldades encontradas em uma análise durante um amor altamente idealizado pelo analista. Por outro lado uma transferência dita "negativa" pode estar sendo muito mais "positiva" para o desenvolvimento da análise, pois é inegável a importância do surgimento dos aspectos agressivos na transferência. Zimerman nos diz:

*Na atualidade, creio ser relevante fazer a afirmativa de que se uma análise não transitou pela "transferência negativa" no mínimo ela ficou incompleta, porquanto todo e qualquer analisando tem conflitos manifestos ou latentes relacionados à agressividade. (ZIMERMAN, 1999)*

Já que amor e ódio convivem juntos, fusionados, e que não se anulam, observamos então que existe um modo de oposição ao amor.

Esta oposição é a indiferença. Não seria a indiferença também o contrário do ódio? Pensando no aspecto positivo e negativo do amor e do ódio, poder-se-ia pensar que do amor segue-se a autopreservação (+) ou a repetição do ideal (-), a mesmice, a estagnação. Por outro lado, à pulsão de morte poderia seguir dois destinos: ou proporcionar mudança (+) ou, ao contrário, gerar angústia e destruição (-). Enquanto a indiferença predominar sobre o amor, não ocorrerá a mudança. Entra, então, a agressividade como revolucionadora desta indiferença, com a intenção de formar nova aliança ao amor e ir a busca do novo.

+ → autopreservação  
Pulsão de vida → amor  
- → mesmice, repetição

+ → mudança  
Pulsão de morte → ódio  
- → angústia

}

M. Klein diz que

*"A atividade produtiva necessita uma certa quantidade de agressividade".*

Exemplifica que o esporte é uma forma de ataque ao objeto de ódio. Odiar pessoas ou coisas é dar vazão aos sentimentos de desprezo e agressividade e, desde que não seja levado a extremos, pode até ser construtiva. Essas emoções são as mesmas experimentadas na infância, onde ao mesmo tempo se odiava a quem se amava. (KLEIN, 1937). Winnicott fala que *"a agressão é vista como evidência de vida"* e que o impulso agressivo é fundamental para as relações objetais do indivíduo (WINNICOTT, 1959).

A pulsão de morte é conceituada como o caos pulsional, ao contrário da ordem encontrada na pulsão de vida. Este caos tem como função destruir, desfazer o que foi constituído, ser disjuntivo e dar lugar à criação de novas formas. Garcia-Roza, grande estudioso de Freud, na obra *Introdução à Metapsicologia Freudiana*, amplia os conceitos de pulsão de morte, colocando-a como fonte de criação e a pulsão de vida como fonte conservadora.

Se entendermos o desejo como pura diferença, o projeto de Eros seria o da eliminação das diferenças e, portanto, do desejo, numa indiferenciação final que é a humanidade. A pulsão de morte enquanto potência destrutiva (ou princípio disjuntivo) é o que impede a repetição do "mesmo", isto é, a permanência das totalidades constituídas, provocando a emergência de novas formas. Neste sentido, contrariamente à idéia da pulsão de morte como retorno às formas anteriores, temos a pulsão de morte concebida como potência criadora, posto que impõem novos



começos ao invés de reproduzir o mesmo. A função conservadora estaria do lado de Eros, enquanto que a pulsão de morte seria a produtora de novos começos, verdadeira potência criadora (GARCIA-ROZA, 1995).

### **Conclusão**

Embora nos tempos atuais os conceitos de Freud a respeito das pulsões sejam questionados, eles nos servem para avaliar muito bem a respeito da agressividade. Na sua descrição metapsicológica, a partir da pulsão de morte, 1920 é que podemos entender melhor a agressividade como fonte destrutiva, desligando o que está ligado. A partir deste desarranjo causado pela pulsão de morte é que se pode ir a busca do diferente, de poder alcançar o novo.

M. Klein e Winnicott também estudaram a agressividade, principalmente na criança. Viram que ela era dirigida ao objeto, mas não só a agressividade, mas também era dirigido o amor ao mesmo objeto. Este desejo destrutivo poderia voltar ao indivíduo sob a forma de objetos persecutórios. Mas, por sua vez, era a agressividade que impulsionava o indivíduo a continuar vivendo, descobrindo novas formas de crescimento, aprimorando defesas, desenvolvendo a curiosidade.

Entende-se então que ter agressividade é fundamental e necessário. Que exteriorizar a agressividade é uma forma de ir a busca do diferente, da construção. A agressividade é da natureza humana e fonte de liberação de energia psíquica. A cada liberação, ocorre uma diminuição da tensão interna, tensão esta que foi fundamental para ter ocorrido uma mudança. Se não tivesse ocorrido a tensão, o indivíduo teria se mantido do mesmo jeito, não teria havido interesse em sair da ordem pulsional que é a pulsão de vida e conhecer o novo. Portanto, a agressividade é um componente do potencial criativo dos indivíduos.

### **Referência Bibliográficas**

FREUD, S. A mente e seu funcionamento. Capítulo II – A teoria dos instintos. Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud. CD-ROM. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. O ego e o id. Capítulo V – As relações dependentes do ego. Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud. CD-ROM. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. O mal-estar da civilização. Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud. CD-ROM. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Além do princípio de prazer. Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud. CD-ROM. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, L. A. Artigos de Metapsicologia, 1914-1917 – Introdução à Metapsicologia Freudiana; v. 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

HOUAISS, A. Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KLEIN, M. Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

\_\_\_\_\_. Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

LAPLANCHE, J. Vocabulário da Psicanálise / Laplanche e Pontalis. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SEGAL, H. Introdução à Obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1975.

WINNICOTT, D. W. Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional (1950-5). Da Pediatria à Psicanálise. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

\_\_\_\_\_. Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? (1959-1964). O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ZIMERMAN, D. E. Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.

\_\_\_\_\_. Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.